



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
JACKSON DA SILVA SOUZA

O JORNALISMO E SUA REPERCUSSÃO NAS REDES SOCIAIS

Tubarão

2013

JACKSON DA SILVA SOUZA

O JORNALISMO E SUA REPERCUSSÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação apresentado ao curso de Comunicação Social – Cibermídia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Professor Horácio Dutra Mello

Tubarão

2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, à minha família e ao meu amor, que sempre apoiaram nas minhas decisões e escolhas, tornando capaz a realização de mais uma etapa de minha vida.

RESUMO

O presente trabalho apresenta como tema central o jornalismo e sua repercussão nas redes sociais. Por meio deste, buscou-se avaliar a repercussão de dois jornais de circulação na região da AMUREL nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube. Para tanto, elegeu-se como problema de pesquisa: os jornais o Notisul e Diário do Sul tem participação significativa nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube? Buscando resposta ao problema proposto, foram definidos como objetivo geral: analisar a repercussão dos jornais Notisul e Diário do Sul nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube; e específicos: conceituar a cibercultura, bem como abordar as redes sociais no ciberespaço; abordar o jornalismo on line e sua repercussão na era digital; realizar uma pesquisa acerca da participação dos jornais Notisul e Diário do Sul nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube. A metodologia utilizada na realização deste foi uma pesquisa bibliográfica e descritiva, seguida de uma pesquisa de campo. Os resultados obtidos por meio da pesquisa demonstraram que a participação de ambos os jornais na rede social Youtube é bastante pequena e que na rede social Facebook o Jornal Diário do Sul tem maior repercussão, enquanto na rede social Twitter o Jornal Notisul tem maior repercussão.

Palavras-chave: Cibercultura. Jornalismo On line; Redes Sociais.

ABSTRACT

This paper presents the central theme journalism and its effect on social networks. Hereby, we sought to assess the impact of two newspapers circulating in the area of Amurel social networks Facebook, Twitter and Youtube. Therefore, he was elected as a search problem: the newspapers and Notisul Southern Daily has a significant participation in social networks Facebook, Twitter and Youtube? Seeking answers to the problem proposed, were defined as general objective: to analyze the impact of newspapers and Notisul Southern Daily on social networks Facebook, Twitter and Youtube, and specific: conceptualizing cyberculture, as well as addressing the social networks in cyberspace; addressing journalism online and its impact in the digital era; conduct a research about the participation of newspapers and Notisul Southern Daily on the social networks Facebook, Twitter and Youtube. The methodology used in this research was descriptive and bibliographical, followed by a field survey. The results obtained through research demonstrated that the participation of both papers in the social network Youtube is quite small and that the social network Facebook the Official Journal of the South have greater impact, while the social network Twitter Jornal Notisul have greater impact.

Keywords: Cyberculture. Journalism Online, Social Networks.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CIBERCULTURA	8
2.1 CIBERCULTURA: PRÓS E CONTRAS.....	10
2.2 CIBERCULTURA: FENÔMENO SOCIAL.....	14
2.3 AS REDES SOCIAIS NO CIBERESPAÇO.....	16
3 JORNALISMO ON LINE	19
3.1 O FENÔMENO DIGITAL E O JORNALISMO.....	19
3.2 EMPACOTADOR VERSUS WEBDESIGNER.....	21
3.3 WEBJORNAL, LINGUAGEM E PÚBLICO.....	27
4 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS	29
4.1 CONTEXTO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS	29
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	29
4.3 TÉCNICAS E/OU INSTRUMENTO DE PESQUISA	29
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
6 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, nossa sociedade vem passando por importantes transformações tecnológicas. Grande parte dessas mudanças influencia diretamente o modo como as pessoas se relacionam e têm acesso às informações que fazem parte de sua vivência em sociedade.

Pensar nas diferentes formas de acesso e meios disponíveis de inserção na rede, ao lado das diversas maneiras de apropriação e difusão de seus conteúdos, fez com que fosse possível delimitar uma parte desse fenômeno tão denso e complexo, que permeia as demais esferas do cotidiano, desde o trabalho e a escola, até os recantos mais íntimos dos lares.

Conhecer a trajetória histórica e cultural dos diferentes meios de comunicação torna-se fonte privilegiada ao melhor entendimento do que é caracterizado como “sociedade da informação”. (CASTELLS, 2003). Em decorrência da profusão de informações, a realidade, em sua aparência imediata, suscita aos desavisados um diagnóstico que, muitas vezes, lhe atribui caos e desordem. Diante do potencial da Internet, com seus fluxos ininterruptos de dados e imagens, são comuns as interpretações que dão conta dessa nova tecnologia como meio prolixo, desordenado, denso e propagador de malefícios os mais variados, tais como crimes de pedofilia, divulgação de informações falsas etc.

Em virtude do fenômeno da simultaneidade, proporcionado pelo desenvolvimento das telecomunicações, pode-se fazer várias atividades em momentos e lugares diversos, o que promove uma reordenação do tempo e do espaço. (HARVEY, 1992). No passado, as relações sociais e pessoais dependiam completamente das coordenadas espaço-temporais para se realizarem, ou seja, para que qualquer tarefa ou atividade fosse efetivada, era preciso que coincidissem tempo e espaço. (GIDDENS, 1991). Mais adiante, alcançou-se a possibilidade de transcender essa dependência com a evolução dos meios de comunicação. O telégrafo, a seu tempo, possibilitou uma transformação importante nesse sentido, otimizando relações comerciais entre pontos distintos do mapa. O telefone, o rádio, a televisão e, mais recentemente, o fax, o celular e a Internet também cumpriram e cumprem papéis parecidos. (THOMPSON, 2005).

Em ritmos sucessivos, fomos alcançando maior independência com relação a tempo e espaço, ao ponto de hoje, no âmbito da Internet, realizarmos

diversas tarefas e transações simultaneamente. No cotidiano de algumas pessoas, fazer um pagamento em seu banco virtual, conversar com um ou mais amigos e acessar a programação do *Louvre* é algo comum. A Internet é a tecnologia que torna possível essa interligação de computadores, possibilitando acesso a inúmeros canais de informação.

Essa breve explicação ilustra apenas uma das dimensões que foram se transformando ao longo das revoluções tecnológicas: a dimensão espaço-tempo. Mas é importante considerar a repercussão disso nas demais esferas que compõem a estrutura social. Sociabilidade e privacidade são algumas das inúmeras dimensões atingidas pelo fenômeno de interligação técnico-informacional proporcionado pelo que representa a Internet na sociedade hodierna.

A análise sociológica desse processo demanda uma percepção que considere as repercussões dessas transformações no corpo social. Meu objeto de estudo reflete a preocupação em conhecer melhor o impacto dessas mudanças no comportamento social.

No mesmo momento em que evoluíram os meios de comunicação e no qual surgiu a internet, surgiu também o conceito de cibercultura que veio reduzir a dimensão espaço-tempo, como já mencionado anteriormente.

Dentro deste contexto, o presente trabalho tem como tema O Jornalismo e sua repercussão nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube. Sendo assim, elegeu-se como problema de pesquisa: Os jornais o Notisul e Diário do Sul tem participação significativa nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube? Buscando resposta ao problema proposto, foram definidos como objetivo geral: analisar a repercussão dos jornais Notisul e Diário do Sul nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube; e específicos: conceituar a cibercultura, bem como abordar as redes sociais no ciberespaço; abordar o jornalismo on line e sua repercussão na era digital; realizar uma pesquisa acerca da participação dos jornais Notisul e Diário do Sul nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube.

Por fim, busca-se por meio da realização deste demonstrar a importância do jornalismo on line, na era digital, onde se desenvolve a cibercultura, mais especificamente nas redes sociais de maior repercussão na atualidade, Facebook, Twitter e Youtube.

2 CIBERCULTURA

A cibercultura surgiu da passagem da hegemonia dos mass media (rádio, TV, jornal, revistas etc.) para a supremacia do que podemos chamar de novas tecnologias (tecnologias digitais e redes telemáticas). Em 1975, iniciou-se a fusão entre a informática e os meios analógicos de telecomunicação, o que possibilitou a veiculação de mensagens por meio do computador. A transposição dos meios massivos para os digitais acarretou possibilidades de estoque e difusão de informações bem como formas de produção individuais. O transporte e a circulação de informações passam a se dispor de forma rizomática (de todos para todos) e não mais obedecem ao sistema hierárquico da árvore (de um para todos). (TRIVINHOS, 1999).

As novas tecnologias destoam da difusão centralizada dos meios de comunicação em massa. Ao contrário destes, a principal característica dos novos meios tecnológicos é a descentralização da informação. Segundo Lemos, “Em todos estes novos media estão embutidas noções de interatividade e de descentralização da informação [...]” (LEMOS, 2007, p. 69). Com o surgimento da relação homem-máquina, ou de uma ligação biológica-tecnológica:

Na medida em que o usuário foi aprendendo a falar com as telas, através dos computadores, telecomandos, gravadores de vídeo e câmeras caseiras, seus hábitos exclusivos de consumismo automático passaram a conviver com hábitos mais autônomos de discriminação e escolha próprias. Nascia aí a cultura da velocidade e das redes que veio trazendo consigo a necessidade de simultaneamente acelerar e humanizar a nossa interação com as máquinas. (SANTAELLA, 2003, p. 82)

A relação entre homem máquina teve como primeiro investigador McLuhan, que concebia os meios tecnológicos como prolongamentos corporais e próteses de nossos sentidos e, indo a fundo, os media podiam ser considerados prolongamento de nosso sistema nervoso central. Segundo McLuhan, a eletrônica, que mais tarde caracterizou-se por multimídia, contribuiu para a criação de formas tribais, chamada por ele de “aldeia global”, na qual todos estão unidos: “a grande família humana em uma só tribo” (LEMOS, 2007, p. 34).

O multimídia, caracterizado em off-line (CD-ROM, DVD-ROM) e on-line (internet), é o que mais eficazmente caracteriza a convergência das linguagens anunciadas por McLuhan.

A linguagem digital, ao contrário da analógica, transforma todas as demais (sonoras, visuais, impressas etc.) em uma única linguagem – o código binário. Essa convergência permite transformar a inflexibilidade analógica de transmissão, difusão e armazenamento de informações em um sistema único de armazenamento e de distribuição multinodais, “onde as formas textuais, imagéticas ou sonoras são independentes do modo pelo qual são transmitidas” (LEMOS, 2007, p. 69). A convergência de todas as linguagens em um único sistema de códigos binários acarretou o aparecimento de características individuais das tecnologias digitais, entre elas a possibilidade de compressão de dados, correção de erros, produção de cópias idênticas de maneira ad infinitum, sem prejuízos à qualidade (as cópias analógicas se degeneram e se modificam) etc. As ligações modem-modem, que conectavam computadores entre si através da linha telefônica, permitiam, de maneira indiscriminada, a livre circulação de todos os dados digitais. Essa distribuição e troca de dados, além da rápida veiculação de informações, tornou-se ainda mais evidente com o nascimento da internet.

A rede mundial de computadores é capaz de estabelecer uma conexão de computadores em termos planetários e, dessa forma, percorre caminho oposto à mídia impressa e à escrita. A imprensa homogênea e individual cede lugar “à conectividade e à retribalização da sociedade”. Além do mais, “a conjunção de uma tecnologia retribalizante (o ciberespaço) com a sociedade contemporânea vai produzir a cibercultura profetizada por McLuhan” (LEMOS, 2007, p. 71).

Segundo Lemos, a cibercultura caracteriza-se por possuir uma configuração baseada nas relações sociais e técnicas, nas quais existirão “modelos tribais associados às tecnologias digitais”, em contraponto ao individualismo pregado pela cultura impressa e tecnocrática da modernidade. “Com a cibercultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental” (LEMOS, 2007, p. 72).

A transformação de um sistema autoritário – caracterizado por um sistema piramidal de hegemonia – para um sistema descentralizado e rizomático, que caracteriza a sociedade em rede, gera terreno fértil para a aldeia global de McLuhan. Para Lemos, a conexão possibilitada pela internet não só implica uma aldeia global única como também favorece a formação de “várias e idiossincráticas aldeias globais”.

As idiossincráticas aldeias globais que se unem através das redes tecnológicas constituem, muitas vezes, recorrentes formações de grupos de discussão. Para Lévy, a formação de fóruns de discussão “constitui a paisagem movediça das competências e das paixões, permitindo assim atingir outras pessoas, não com base no nome, no endereço geográfico ou na filiação institucional, mas segundo um mapa semântico ou subjetivo dos centros de interesse” (LEMOS, 2007, p. 207). Segundo o autor, a formação desses grupos de interesse em comum contribui para o desenvolvimento de um grande cérebro eletrônico coletivo, que caracteriza aquilo que ele denomina inteligência coletiva.

Surge aí a noção de ciberespaço,

Não se trata de bens materiais, matérias-primas e energia retiradas da natureza, mas de informações traduzidas sobre forma de bits, imateriais, abstratas, lidas por uma metamáquina (o computador, o ciberespaço). Atualiza-se como ciberespaço, o grande sonho enciclopédico de, em um único media, armazenar todo o conhecimento da humanidade. (LEMOS, 2007, p. 71)

Esses órgãos coletivos inteligentes são unidos pela estrutura da internet, por meio de uma forma caótica que se organiza através da desordem. Segundo Rosnay, “milhões de agentes agindo paralelamente a partir de regras simples criam um multiprocessador gigantesco, capaz de se adaptar à evolução de seu ecossistema informacional” (ROSNAY apud SANTAELLA, 2005, p. 90). Dessa forma, para Rosnay, a internet organiza-se de forma cooperativa e por meio da manutenção e do funcionamento de seus computadores.

2.1 CIBERCULTURA: PRÓS E CONTRAS

Os autores Marshall McLuhan (1964), Pierre Lévy (1999) e Rüdiger (2002; 2003) serão os mais utilizados para apresentar os prós e contras da cibercultura. McLuhan fez carreira na Universidade de Toronto, no Canadá e foi discípulo de Harold Innis. Ao relatar as contribuições de Innis para a área da comunicação, Elias Machado (2002) mostra como Innis afirmava que a continuidade e a extensão de uma civilização estão vinculadas à natureza dos meios de comunicação e o significado de cada meio provém do tipo de monopólio do conhecimento estruturado na sociedade.

As proposições de McLuhan até hoje são motivo de discussão sobre sua validade e novidade. Para diversos autores, dentre eles Enzensberger, citado por Faro (2004, p. 2), as obras mcluhanianas não passam de “marketing acadêmico”, porque ele “mistificou as mídias, isolando-as do universo dos conflitos sociais”. Rüdiger (2003), também crítico das obras de McLuhan, aponta que, no período dos anos 60, existiram muitas obras de caráter publicístico, nas quais a futurologia passou a ser tomada como disciplina respeitada intelectualmente e há o encantamento proporcionado pelas novas tecnologias.

Para outros, como Doria (1999, p. 288), McLuhan foi um grande visionário que antecipou a chegada da World Wide Web. “Somos os filhos de McLuhan”. Em contraponto às ideias mcluhanianas dos meios como extensões do corpo humano, Rüdiger (2003, p. 41) aponta que tal ligação entre homem e máquina é arbitrária, um “fetichismo tecnológico”, e parece uma armadilha “preparada, eficazmente acionada, desde muito tempo, pelo pensamento tecnológico”. A junção homem e máquina não pode ser apontada como arbitrária, uma vez que já existem tecnologias que caracterizam bem tal relação, como o desenvolvimento de próteses, até mesmo de chips (nanotecnologia), que podem ser implantadas no corpo humano. Não se trata logicamente de um fenômeno concreto e evidente, uma vez que existem apenas alguns casos isolados e ainda em desenvolvimento por diversas áreas de estudo.

McLuhan (1972, p. 70) elucida que, quando há o surgimento de uma nova tecnologia capaz de prolongar ou estender um ou mais de nossos sentidos, sua ação no mundo social provoca uma nova relação entre todos os nossos sentidos na cultura afetada.

Pierre Lévy (1999) parece concordar com o aforismo de McLuhan ao dizer que é impossível separar o lado humano do lado material, ou seja, o homem está unido às suas técnicas e tecnologias, que são produtos de uma sociedade ou cultura. O autor argumenta que a técnica é “um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos”. (LEVY, 1999, p. 22). Criticado por ser um entusiasta da cibercultura, Lévy fala que este fenômeno expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes da cibercultura, no sentido de que se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Ele define o ciberespaço como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores” e a cibercultura como o “conjunto de técnicas, de

práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LEVY, 1999, p. 17).

O termo ciberespaço foi utilizado pela primeira vez pelo romancista William Gibson no romance de ficção-científica *Neuromancer*, em 1984. Em sua obra, Gibson definia o ciberespaço como um conjunto de redes de computadores através dos quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulavam. “O ciberespaço gibsoniano é uma alucinação consensual.” (LEMOS, 2004, p. 127).

O surgimento da cibercultura está associado ao da microinformática, na metade dos anos 70. De acordo com Lemos (2004), o advento da tecnologia do computador pode ser analisado por três condições históricas: técnicas, sociais e ideológicas.

Voltando ao estudo da cibercultura, pode-se afirmar que este fenômeno trouxe, através de redes telemáticas, uma sociedade conectada em “tempo real”, trocando informações, dados, vídeos, músicas etc, ampliando o potencial comunicativo social, estando só (fisicamente) sem estar necessariamente isolado.

A cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos. Não se trata, obviamente, de nenhum determinismo social ou tecnológico, e sim de um processo simbiótico, onde nenhuma das partes determina impiedosamente a outra. (LEMOS, 2004, p.89)

Rüdiger (2002) segue uma linha semelhante à de Lemos ao dizer que a cibercultura é a junção de um momento histórico, uma conexão dialética entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, “através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em da direção (cibernética)”. Interessante notar que, mesmo sendo crítico em relação às ideias de McLuhan, neste aspecto, Rüdiger se aproxima muito do pensamento daquele ao tocar no ponto de que nossas vidas são alteradas e que, quando nos adaptamos às tecnologias, mudamos nosso próprio modo de ser, conectando nosso cotidiano às máquinas.

De acordo com Machado (2002, p. 83), a ideia de automatização vem de Simondon, pois este foi o primeiro a pensar o acasalamento homem-máquina e a transferência de parte dos procedimentos produtivos à tecnologia. A ideia da ligação homem-máquina reporta-se ao pensamento mcluhaniano e é bem atual. A título de

exemplo, pode-se citar o desenvolvimento da microinformática, que levou ao desenvolvimento de microchips que podem ser implantados na pele ou mesmo de próteses mecânicas que cada vez mais assemelham-se a partes do corpo humano.

Rüdiger (2002, p. 57) argumenta que, a partir do pensamento cibernético, surgiu a convicção de que os humanos poderiam ser transformados em organismos maquinísticos (ciborgs), de modo que, por meio dessa simbiose com a tecnologia, houvesse um modo de operação eficiente dos sistemas técnicos. Contudo, afirma o autor, tal pensamento não passa de uma “fantasia delirante” apontada por entusiastas e críticos da cibercultura. (RÜDIGER, 2002, p. 60).

Apesar de argumentar que a tecnologia possibilita não apenas criar uma ordem mais livre e espontânea, mas superar nossas limitações orgânicas e individuais, Rüdiger afirma que esse mesmo indivíduo passa, na cibercultura, por uma ruptura do princípio de identidade. “Através da máquina, começamos a viver situações em que não apenas o referido eu tornou-se múltiplo, fluido e aberto, mas, além disso, está havendo uma ruptura do princípio de identidade.” (RÜDIGER, 2002, p. 45).

Rüdiger relata que o sujeito é “uma ficção criada no curso da interação social”. Ele frisa que o indivíduo é composto por uma diversidade de mudanças e a figura do “eu” é construída de dentro para fora, por processos mediados pelas estruturas comunicacionais e que, na web, o homem teria a possibilidade de construir sua identidade, onde “na internet, você é o único limite”.

O ciberespaço é, assim, uma megamáquina civilizacional de conexão generalizada (PRADO, 2002), que por meio de ferramentas como chats, blogs, discussões online entre outras, potencializa as práticas sociais, os contatos entre pessoas que não se conhecem fora da web. Contudo, do mesmo modo que ele proporciona contatos virtuais, causa o distanciamento, o afastamento dos contatos pessoais. Thompson (1998) descreve que os indivíduos estão tendo contato com o “conhecimento não local”, pois vivemos num mundo “no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar.”

Assim como Thompson (1998), Negroponte (1995, p. 145) mostra que o hipertexto é capaz de retirar barreiras da era denominada por ele de “pós-informação”, onde é possível derrubar as barreiras geográficas. “A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade.”

2.2 CIBERCULTURA: FENÔMENO SOCIAL

A microeletrônica torna-se a base científico-tecnológica da sociedade contemporânea, também chamada Sociedade da Informação, caracterizada por transformações rápidas, profundas e contínuas. O computador, seu principal produto, está presente em todos os ambientes de nosso cotidiano, caracterizando o que Kranzberg (1993, p.40) considera uma revolução:

[...] Na realidade, um único grande avanço tecnológico não constitui, por si só, uma revolução tecnológica. Devem existir outras evoluções correlacionadas e ocorrer, ao mesmo tempo, alterações profundas nos contextos político, econômico, social e cultural.

Presentes de diferentes formas, principalmente, nos grandes centros urbanos, os computadores estão invadindo e participando do cotidiano das universidades, indústrias, supermercados, bancos, escritórios, lojas comerciais, organizações militares e dos lares, provocando transformações significativas que desenham uma sociedade tecnicopolítica, na qual a produção do conhecimento passa a ocorrer em verdadeiros laboratórios, exigindo que as universidades acompanhem tal produção (DREIFUSS & BOHADANA, 2003).

Na década de 1990, são marcadas fundamentais mudanças nas telecomunicações, nas quais as redes de computadores, permitindo a interconexão dos computadores pessoais de grupos de usuários, possibilitam os contatos em tempo real. A Internet, maior rede de distribuição e coleção de informações da história humana, fascina, criando um novo paradigma de comunicação de massa, no qual computadores conectados à grande rede mundial otimizam o tempo e aumentam a velocidade de troca e circulação de informações, como nos lembra Moraes (1997, p. 24).

A rápida e crescente difusão da Internet, devido principalmente às contínuas melhorias técnicas dos meios de comunicação e a vulgarização dos computadores foi responsável pelo surgimento do ciberespaço³: o espaço das comunicações através das redes de computação.

Embora Moraes (1997) considere o ciberespaço como aquele que possibilita a integração de todos os segmentos da sociedade e de todas as classes sociais, disponibilizando ferramentas tecnológicas para pesquisa e produção, não

devemos ignorar que o capitalismo de ponta sustenta e é sustentado pelo ciberespaço, possibilitando que estruturas globais de poder extrapolem as fronteiras nacionais e atinjam, de maneira vigorosa, o mercado, as empresas, as cidades, a educação e a vida dos diferentes grupos e classes sociais (DREIFUSS, 2004, p.30).

Como nos lembra Bohadana (1999, p. 57), não podemos esquecer que uma das principais alterações introduzidas pela Internet foi a mudança das noções de espaço e tempo:

[...] espaço e tempo são enquadrados em um novo padrão de dimensões e ritmos, que passa a sobrepujar ou coexistir com tempos e espaços locais, intrínsecos a cada cultura. No entanto, é sob o manto dessa mesma tecnologia, fruto do mesmo movimento, que surge um leque de outras possibilidades, permitindo a interação de novos ritmos cronológicos e de diversas qualidades de espacialidades. Contrapondo-se à irreversibilidade de um tempo atual, encontra-se o tempo submetido às propriedades da virtualização. Tempo móvel, tempo sem tempo, tempo que abole a linearidade da uniformização cronológica, revelando-se múltiplo e simultâneo, e onde o espaço se apresenta em suas diversas variedades.

São mudanças dessa natureza, surgidas a partir da Internet, que tornaram possíveis tomadas de decisão de negócios por meios virtuais (e-commerce), derrubando as peculiaridades nacionais e transformando a adaptação a esse novo ritmo em necessidade imperiosa de sobrevivência no mundo dos negócios, na produção do conhecimento e, conseqüentemente, na maneira de organizar o pensamento e as diversas áreas do conhecimento.

Todas essas transformações trazidas pela revolução da microeletrônica, afetando as diferentes dimensões da vida e da existência, fundam acontecimentos que constituem o fenômeno denominado cibercultura. A expansão desse fenômeno tem sido responsável pelo número crescente de acadêmicos preocupados em formular conceitos capazes de expressar a magnitude e a importância desse atual momento.

Lévy (1998) explicita que a cibercultura se trata de uma cultura universal porque promove a interconexão generalizada de computadores, formando uma grande rede, sem totalidade, uma vez que cada conexão dessa rede é fonte de heterogeneidade, comportando uma diversidade de sentidos que estão em permanente renovação.

No entanto, quando nos detemos de maneira mais atenta a algumas afirmativas de Lévy (1998), percebemos, no mínimo, um certo otimismo,

principalmente, quando o autor assevera que “a rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber”.

Diferente do pensar de Lévy, Philippe Quéau (Apud MORIN, 2001, p. 50), engenheiro, filósofo e pesquisador, expande suas reflexões sobre cibercultura, explorando a globalização, os impactos sobre a cultura local e seus efeitos sobre a sociedade. Partindo da definição de que cultura “é aquilo que pode dar a toda pessoa razões para viver e ter esperanças”, e que tal como a natureza, “a cultura vive pela respiração, pelos sopros, pelas fecundações e mestiçagens”. (LÉVY; PHILIPPE QUÉAU apud MORIN, 2001, p. 50) Philippe Quéau considera o fenômeno da “mundialização” como um dos maiores aliados da cibercultura.

Quando se refere aos efeitos da globalização, o autor supracitado afirma que precisamos de uma cultura capaz de nos ajudar a pensar o global e o local, criando o que denominou de uma “cultura glocal”. Para Quéaus (APUD MORIN, 2001, p. 52), a cibercultura possui certos atributos dessa “cultura glocal”, da qual a “cultura Internet é uma prefiguração”, e dispõe de modelos mentais e instrumentos capazes de nos ajudar a apreender melhor a complexidade da sociedade atual.

2.3 AS REDES SOCIAIS NO CIBERESPAÇO

De acordo com Amaral, Montardo e Recuero (2008) o uso da metáfora da “rede” foi primeiramente utilizada como abordagem científica pelos matemáticos e depois adotado pelas Ciências Sociais. Porém, este tema não é novidade e vem sendo estudado pelas ciências desde o início do séculos XX até os dias atuais, o que se modificam são as áreas estudadas.

Entende-se, então, através de Amaral, Montardo e Recuero (2008) que: “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organização, é uma rede social” e é desse modo que se formam as redes sociais na Internet. Assim, compreende-se que as redes sociais são formadas por pessoas e por máquinas. No entanto, vale ressaltar que as redes de computadores não conectam apenas máquinas, mas promovem a comunicação entre pessoas mediada pela interface do computador. E será através das redes que perceber-se-á as mudanças nos processos sociais e informacionais da sociedade contemporânea. “Estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É

explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais.” (AMARAL, MONTARDO e RECUERO, 2008, p. 22).

As redes sociais na *web* são interações sociais que conectam pessoas e proporcionam a comunicação entre elas e se utilizam das formações de conexões através dos laços sociais existentes no ciberespaço para ampliar a comunicação entre os participantes (atores). Para Amaral, Montardo e Recuero (2008) “(...) as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social dos atores”. Os atores sociais através de suas expressões dentro dos ambientes sociais da *web* constituirão a formação de nós (ou nodos) e através das interações proporcionadas por eles serão formados os laços sociais.

[...] as interações que vão acontecer entre os diversos atores nesses sistemas é que vão constituir o substrato sobre o qual formar-se-ão os laços sociais, que constituem as conexões da rede. Esses laços podem constituir-se como fortes e fracos, a partir da quantidade das interações e das trocas sociais estabelecidas entre os atores. (AMARAL, MONTARDO e RECUERO, 2008, p. 55)

As trocas de informação que ocorrem entre os atores são constituídas de elementos fundamentais para o fortalecimento das redes sociais. Amaral, Montardo e Recuero (2008, p. 55) denomina-os de capital social: “Esse capital é construído e negociado entre os atores e permite o aprofundamento dos laços e a sedimentação dos grupos”

As redes sociais podem ser organizadas em dois tipos: as redes emergentes e as redes de filiação ou redes de associação. De acordo com Amaral, Montardo e Recuero (2008), as redes do tipo emergentes são as que ocorrem a partir das interações entre os atores sociais. “São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador” (AMARAL, MONTARDO e RECUERO, 2008, p. 94). Este tipo de rede social é caracterizado principalmente pela formação de grupos que surgem a partir das interações, por exemplo, através dos comentários de um *blog* ou *fotolog*¹. E as redes do tipo filiação são as que derivam das conexões “estáticas” entre os atores. Segundo Amaral, Montardo e

¹ São tipos de *blogs* com predominância de foto, podendo conter ou não texto.

Recuero (2008, p. 98) “são redes cujas conexões são forjadas através dos mecanismos de associação ou de filiação dos sites das redes sociais”. Este tipo de rede social pode ser encontrado no *Orkut*, através da listagem de amigos e também no *Twitter*, com a lista dos seguidores.

Em 2009, o que mais chamou a atenção para as redes sociais em todo o mundo foi a maneira instantânea com que os fatos marcantes foram publicados dentro da *web*. O anúncio dos protestos no Irã, acidentes aéreos e outros fatos que foram noticiados no citado ano, foram divulgados nas redes sociais antes de qualquer outro meio.

O *Orkut*, o *facebook*, o *Myspace*, o *Twitter*, os *Blogs*, etc são exemplos da grande variedade de *sites* de redes sociais existentes na *web*. Todas essas redes acabam formando um sistema bastante complexo que une pessoas com objetivos comuns, que formam as comunidades sociais que utilizam essas redes para manter a comunicação interpessoal com troca de arquivos e visualização de fotos e vídeos; promover boicotes, protestos e até campanhas políticas. A troca de informações que ocorre nessas redes é um fenômeno ímpar na história da Internet.

3 JORNALISMO ON LINE

Neste capítulo será abordado o jornalismo on line, as relações entre o fenômeno digital e o jornalismo, dentro outros assuntos.

3.1 O FENÔMENO DIGITAL E O JORNALISMO

No cerne das discussões acerca do jornalismo on line está sempre a noção de websociety, na qual se reforça o pensamento do canadense Derrick de Kerckhove, que considera a instantaneidade da notícia como a possibilidade de se chegar a qualquer pessoa, a qualquer lugar, a qualquer momento:

A instantaneidade, função da globalização, impõe uma aceleração em todas as sociedades humanas. Tem dois efeitos principais: um é o alcance e o feedback instantâneos, o outro é a eliminação dos períodos de adaptação. O primeiro efeito torna-nos nômades eletrônicos: coloca-nos em contato com qualquer ponto do globo e recolhe informação de qualquer ponto do globo instantaneamente (KERCKHOVE, 1997, p. 245).

Em outra perspectiva, considerando-se novamente o ciberespaço como um não-lugar onde tudo pode ser expresso, o ser humano, como integrante do processo de comunicação, passa a ser receptor e emissor de toda a linguagem em processos interativos de jornalismo na cibercultura. Osgood, citado por Rabaça e Barbosa (1998, p. 162), explicita da seguinte forma a sua teoria:

No processo de decodificação humana, a entrada de alguma forma de energia física, codificada linguisticamente ou de outra maneira, é primeiro recodificada em impulsos neurosensoriais, operada pelo aparelho receptor e finalmente “interpretada” no destino (...). No processo de codificação humana, uma “intenção” da fonte (...) é operada pelo aparelho transmissor nas áreas motoras, é recodificada em movimentos físicos e se converte na saída desta unidade. Traduzidos na linguagem psicológica tradicional, entrada equivale a “estímulo”, receptor passa a ser “recepção” e “percepção”, transmissor passa a ser “organização e sequências motoras” e saída passa a ser “resposta”.

Na comunicação de massa pode haver uma ou mais unidades-fonte e milhares ou milhões de unidades-destino. Tal situação é idêntica à que ocorre com a comunicação no ciberespaço, excetuando-se o fato de que nesta são ilimitadas as unidades-fonte tal como as unidades-destino, bem como a inter-relação e a

integração entre ambas. Enquanto isso, na comunicação de massa existe individualização.

Na visão de Gontijo (2004, p. 11):

O Computador e a Internet nos conectam a indivíduos e nos permitem acessar informações e protagonizar o show da notícia. Trata-se de uma via de mão dupla, que muda todas as relações sociais e afeta as estruturas de poder e da própria mídia, também chamada de quarto poder. Cada um de nós pode ser repórter, redator, editor e apresentador de um infojornal. Todos somos afetados na nossa forma de perceber a realidade, estruturar valores, padrões de consumo, gosto, sentido estético e até sonhos. Não há nenhuma decisão em nossas vidas que não tenha refletidos, mesmo que remotamente, os ecos dessas mensagens. Somos nós mesmos meio, mensagem e intenção.

Observa-se uma revolução na área, que envolve não apenas a linguagem escrita e verbal, mas a forma pela qual ela é repassada à sociedade, ou seja, de uma narrativa impressa, fixa, para acesso aos textos convertidos pelas tecnologias digitais em narrativas não-lineares em ambientes de hipermídia. Tais ambientes permitem aos usuários a hiperlinkagem da rede mundial, ou seja, o acesso a links que garantam o processo associativo e os fluxos de navegação em várias mídias (imagens estáticas, imagens em movimento, científicas, gráficos, fotografias, sons de diferentes naturezas, textos). Através dos links se abrem os canais que permitem o trânsito entre informações diversas, somadas às hiperlinkagens acessadas por sistemas telemáticos na rede planetária. O que isso representa? Além de compartilhar a notícia, o leitor pode sair direto do jornal para a bolsa de valores (caso ele tenha acessado um link de economia, por exemplo) ou ir a uma outra fonte do jornal por outro meio. Os hiperlinks mundiais dão essa amplitude de acesso à hipermídia e aos canais noticiosos.

Hoje os jornais adotaram como forma de manter leitores cativos os portais de Internet. As emissoras de televisão seguem a mesma rota. Num primeiro momento, o que se percebe é a transferência de conteúdos de um meio para o outro, sem grandes alterações.

Nesse tocante, Castells (2003, p. 157) recorda:

O mundo da mídia está no meio de uma transformação extraordinária, tornando-se global (globalizando-se e individualizando-se ao mesmo tempo), e encontrando economias de escalas e sinergia entre diferentes modos de expressão. A televisão digital transmitida por satélite está explodindo pelo mundo todo, em particular na Europa. Nos EUA, a televisão

a cabo tinha o mesmo número de espectadores que a televisão aberta em 2000, e estima-se que a suplantar nos próximos anos.

Agora também as emissoras brasileiras chegaram à era digital, modernizando seus equipamentos de captação e transmissão de imagens. São mudanças que obrigam o profissional do meio a uma total flexibilidade e capacidade de adaptação às novas regras tecnológicas. Abre-se o acesso às notícias através dos portais.

3.2 EMPACOTADOR VERSUS WEBDESIGNER

Salaverría (2005) aborda o impacto das ferramentas digitais na redação, a estruturação não linear das notícias até a composição multimídia e, também, quando é correto utilizar a técnica da pirâmide invertida (sumário – base, informação de apoio: citações e dados – meio; informação secundária – ponta), na qual se respondem às perguntas básicas: O quê? Quem? Quando? Como? Por quê? Onde?

De acordo com o autor, a redação jornalística na Internet vai, aos poucos, ganhando características próprias.

Nesse sentido, Nielsen (2002, p. 23) sustenta que:

Na pirâmide invertida torna-se mesmo mais importante desde que passamos, a saber, por diversos estudos, que os usuários não gostam de rolar páginas e, assim, irão com maior frequência ler apenas o topo de um artigo (...). Dessa maneira, nós podemos esperar que os redatores dividam seus textos em peças menores e coerentes para evitar as longas rolagens de páginas. Cada página deveria ser estruturada, no formato da pirâmide invertida, mas o trabalho como um todo deveria aparecer mais com um conjunto de pirâmides flutuando no ciberespaço em vez de assemelhar-se a um artigo tradicional.

Por esta razão, muitos sites jornalísticos que se limitavam a reproduzir simplesmente a forma gráfica de apresentação da redação impressa foram criando links. Para facilitar a navegação e dar um formato diferenciado ao conteúdo, trocaram os diagramadores pelos webdesigners. O desafio era criar uma nova linguagem para o webjornalismo. O desafio ainda não foi vencido, uma vez que o editor – empacotador deve assumir o papel de cartógrafo, que é o de elaborar um mapa de navegação para o usuário, facilitando para este o acesso às informações.

Esse pensamento se baseia na estruturação da notícia criada pelos links e os resultados dos processos associados, que vão ser executados nos fluxos de navegação, nos acessos abertos (os buracos de minhoca, worms hole) pelos links.

Para a produção na Internet, o texto jornalístico deve ter objetividade, clareza, precisão, concisão. É o mínimo que se exige. No ver de Zancheta Júnior (2004, p.64), “a regra jornalística diz que se deve buscar economia: o que pode ser dito em duas, não precisa mais palavras. Entre duas palavras, propõe-se a mais curta. Entre duas palavras mais curtas, a de mais fácil entendimento”. Essa é a regra geral no rádio, na televisão e no jornal. No caso desses dois últimos, ainda há o recurso da imagem em movimento e da fotografia, respectivamente.

Salienta ainda o autor que a questão seria o jornalismo na Internet, visto que, notadamente, os recursos do conteúdo on-line vão muito além dos utilizados normalmente no jornalismo impresso – texto, fotos, gráficos. Recursos que podem ser acrescidos de áudio, vídeos e animações e o acesso ao texto não linear, pelos portais. E dá a possibilidade de provocar um sentimento que Kerckhove (1997) denomina de webness – mentes conectadas no planeta convivem na rede e isso influencia também o jornalismo - dentro do que ele conceituou de websociety.

O conteúdo disponível nos jornais e nos telejornais pode ser acessado nos portais da Internet, com uma diferença mínima, muitas vezes. Os meios de comunicação criaram portais próprios e sites para disponibilizar seus conteúdos.

Mas a velocidade da rede criou também hoje uma grande competição entre os veículos de comunicação. Os novos profissionais de imprensa já estão sendo formados com foco nas novas tecnologias. O Jornalismo On-Line é disciplina acrescida à grade curricular de algumas universidades brasileiras.

Sobre esta questão, Quadros (2004) resgata uma declaração de Christina Lanzito a respeito das mudanças provocadas pela Internet nas redações:

As redações digitais abriram portas (e continuam) aos jovens jornalistas. No boom da Internet, nos Estados Unidos, na Espanha e no Brasil a maioria delas era formada por profissionais com um bom currículo acadêmico, mas com pouca experiência no jornalismo. O editor do The Nando Times, Seth Efron, proferia em seus discursos que era conveniente contratar jornalistas menos experientes para trabalhar nos diários eletrônicos, porque “eles não têm noções preconcebidas do jornalismo” (IANZITO apud QUADROS, 2004, p. 33).

Nas atuais redações on-line, o que ocorre, portanto, ainda é o que se denomina “empacotamento” da notícia com a simples reprodução do material que vem pronto das agências, ou do veículo da mesma empresa de comunicação à qual é vinculado o site. Cabe ao produtor on-line apenas modificar alguns parágrafos, acrescentar uma ou outra informação, suprimir detalhes específicos do meio no qual foi gerado o tema (exemplo: do telejornal para o portal de internet da empresa jornalística), adicionando foto ou vídeo. É o “editor-empacotador”, que tem a função de processar o conteúdo para a linguagem supostamente aceita na Internet (ZANCHETA, 2004).

O jornalista vai ter de pensar e colocar-se como o usuário-leitor nômade, que transita ou navega na Internet; vai elaborar o texto, produzir conteúdo e acessos (criando mapas, caminhos, etc.). É um nômade que vai encontrar as portas abertas não só para todos os jornais na web, tanto internamente, dentro do próprio jornal, quanto para outros sites de Internet. Note-se que o roteiro que acompanha a produção de um programa de televisão é substituído por fluxogramas de navegação.

Autores como Salaverría (2005) defendem a necessidade de uma produção de conteúdos próprios, mais autênticos do ambiente de rede.

Segundo o autor, “cada vez mais há evidências de que algo está mudando. Os cibermeios² - termo utilizado pelo autor - são um celeiro de novidades e experiências redacionais, em busca de novas formas de expressão que aproveitam as possibilidades hipertextuais, interativas e multimídias da rede”.

O autor não aponta, mas os sistemas telemáticos de notícias utilizam também blogs paralelos, telecâmeras e outros recursos tecnológicos na composição desses conteúdos que ampliam a interatividade no jornalismo.

Para outros autores, a Internet possibilita ainda uma ampla e variada forma de escrever o texto. Porém nenhum site possui uma linguagem definida.

Como uma fábrica em ritmo de início de produção, os pesquisadores profissionais do jornalismo on-line estão inovando e buscando novas fórmulas para que o jornalismo tenha um padrão de linguagem definitivo, assim como o rádio e a televisão. (MARANGONI, PEREIRA e SILVA, 2002, p.118)

² Para Salaverría (2005), os cibermeios são meios digitais, os quais se consolidaram rapidamente possuindo importância equiparada aos outros meios clássicos como a imprensa, o rádio e a televisão.

Importante é ressaltar também a visão de Mesquita (2004, p. 255) referente à produção do webjornalismo:

As tecnologias, as retóricas e a economia das mídias modificaram-se, criando novos mundos da comunicação, plenos de fascínios, mas, simultaneamente, novas formas de condicionamento midiático, que passam mais pela sedução do que pela censura à velha maneira, pela sobre informação do que pela subinformação, pela inflação de palavras e de imagens do que pelo respectivo corte.

A desterritorialização dos fluxos de informação propõe um tipo de comunicação característico para as redes digitais, tal como esclarece Salaverría (2005, p. 104)

A comunicação por meio de redes digitais interativas se caracteriza por uma ruptura dos condicionantes clássicos de toda a comunicação: tempo e espaço. As mensagens na rede possuem plena elasticidade temporal e não possuem limitações por distâncias físicas. Assim, a comunicação digital se caracteriza pelo policronismo e pela multidirecionalidade.

O policronismo se refere às múltiplas possibilidades de relação temporal que se produzem entre a emissão e a recepção de mensagens no ciberespaço. A referência temporal é entendida como a interligação global na rede, dentro da qual milhões de pessoas numa dimensão planetária se comunicam em fusos horários distintos, portanto, uma referência temporal como hoje não é algo absoluto na Internet e, sim, relativo, e conseqüentemente de potencial ambíguo. Na Internet, a referência hoje do emissor da mensagem pode ser interpretada pelo receptor como hoje, ontem ou amanhã. E, no caso de ser uma mensagem dirigida a um arquivo digital, como por exemplo um correio eletrônico, ela poderá ser lida muitos dias após pelo receptor.

Segundo o autor, no que se refere à multidirecionalidade, as mensagens transmitidas pela rede podem ser unidirecionais (de um ponto a outro, sem possibilidade de resposta), bidirecionais (de um ponto a outro, com possibilidade de resposta).

Em relação a essa característica na comunicação, Salaverría (2005, p, 24) cita Noélia da Mata Fernandes:

Apesar de algumas tentativas de ruptura, o processo comunicacional, mesmo na arte, se fazia de poucos para muitos, enredado numa estrutura hierárquica, agora, no espaço multidirecional das redes, adivinha-se uma

proposta comunicacional assentada na troca personalizada e interativa, de muitos para muitos.

O texto digital, no ver de Salaverría (2005), caracteriza-se por ser:

a) multilinear: a informação pode se estrutura de forma linear, ou também mediante formatos que rompam a linearidade do discurso;

b) multimedia: a desvinculação do papel e o salto ao suporte digital permitem que o texto, além de incluir imagens estáticas, possa se apresentar conjuntamente com sons e imagens em movimento;

c) múltiplo: o suporte digital separa forma e conteúdo, permitindo que um mesmo conteúdo possa se apresentar de múltiplas formas, de acordo com as decisões do autor, das necessidades do leitor, ou das limitações técnicas dos dispositivos de emissão e/ou leitura. Além do mais, esta modificação pode realizar-se em qualquer fase do processo e tantas vezes quantas forem necessárias, sem ter que modificar e nem manipular o conteúdo informativo;

d) interativo: o texto digital incorpora as dimensões de tempo e espaço, adotando um novo caráter imersivo e lúdico. Estas características ligam os hipertextos cada vez mais a vídeo-jogos, de cujos destinos narrativos o leitor/jogador participa ativamente, afastando-o da leitura passiva do livro convencional;

e) dinâmico: o texto estrutura-se automaticamente de modo combinatório, podendo o leitor chamar elementos (imagens, textos, sons, entre outros) de uma base de dados e colocá-los na tela.

f) conectado: o texto digital pode ser lido não somente de maneira individual e privada mas, de forma múltipla e ao mesmo tempo, permitindo uma leitura simultânea de um mesmo texto entre distintas pessoas, como no caso da redação colaborativa à distância.

Os textos jornalísticos, nesse sentido, possuem como peculiaridade a capacidade de se renovar constantemente em sucessivas publicações. A comunicação jornalística no ciberespaço, portanto, distingue-se pela hipertextualidade, multimedialidade e interatividade.

Importante salientar a diferença entre massividade e interatividade, na qual:

Há até pouco tempo, a dissociação entre massivo e interativo era clara no âmbito da comunicação. Uma coisa ou outra coisa. O telefone é interativo, mas não massivo, na medida em que é apenas uma extensão tecnológica

de um diálogo entre dois interlocutores; a televisão, (...), as mídias impressas são massivas, porém não interativas. O jornalismo na Internet é, no entanto, massivo e interativo. (PEREIRA, SILVA e MARANGONI, 2002, p. 65)

No telejornal existe uma distinção regional, respeitando-se as características culturais para um público heterogêneo, porém o espectador apenas digere as notícias, enquanto que, no jornal da internet, a linguagem tende a ser global e interativa.

A diferença entre o jornal impresso e o webjornal, no ver de Pereira, Silva e Marangoni (2002), é que o webjornal é digital por não existir fisicamente, visto não poder ser tocado ou carregado, e, por sua organização, abrigado em páginas eletrônicas. A ligação entre as páginas é por link ou hiperlink, podendo o usuário navegar entre as matérias que já foram publicadas. A preocupação dos editores, nesse caso, é tornar o layout do jornal de fácil navegação, simplificando os recursos de busca das informações para o leitor.

Os autores comparam usabilidade e navegação do webjornal com o manuseio do jornal impresso:

Na versão impressa, a organização das matérias em seções regulares, dispostas nas páginas sempre da mesma forma, permite que achemos rapidamente os assuntos de nosso interesse. O equivalente a isso na versão eletrônica são os índices. (PEREIRA, SILVA e MARANGONI, 2002, p. 61).

A intenção, no momento da construção da página virtual, é que o leitor se obrigue a optar por um caminho, incentivando a interação com o processo. Por meio da alocação de vários elementos disponíveis em uma página, o leitor virtual faz a sua escolha, resolvendo o seu problema parcialmente e, ao resolver essa problemática inicial com a abertura de outra página, surge uma nova e, assim, sucessivamente. A seguir, os autores exemplificam essa situação:

Quando o internauta entra no site do Estadão para ler o noticiário do dia, ele não terá todas as notícias que necessita já na primeira página, na página principal. Ele terá que escolher, entre várias opções – Últimas Notícias, Matérias Especiais, acesso à cópia da versão impressa do Jornal da Tarde e de O Estado de S. Paulo, entre outras – uma que o remeta a uma página virtual que contenha as informações que procura. Assim, é ele quem define o que de uma determinada matéria vai acessar primeiro, partindo do princípio de que ele tem uma lista de opções sobre o tema escolhido: se vai ler a matéria principal ou acessar uma galeria de fotos sobre o tema, ou

mesmo ver as últimas matérias que foram publicadas sobre o assunto. (PEREIRA, SILVA e MARANGONI, 2002, p. 62)

No jornal, tal como ocorre com a Internet, será o leitor que escolherá a informação que deseja ver inicialmente. Essa possibilidade de escolha se traduz em liberdade e individualidade nas informações que o leitor queira encontrar. Para que isso ocorra efetivamente, há a necessidade de uma atenção maior no momento da construção do webjornal ou das matérias, visando a alocação de links que possibilitem uma gama diversa de temas/recursos que incentivem o leitor a se aprofundar no assunto que deseja conhecer. Assim, o site do jornal pode se transformar em um centro de referências de informações, permitindo também o acesso a outros sites de notícias, e outros links de busca na Internet.

3.3 WEBJORNAL, LINGUAGEM E PÚBLICO

Pode-se dizer que o público de Internet é um público de repertório vasto mas, ao mesmo tempo, uma casta privilegiada, pelo fato da rede não ser considerada ainda um meio popular, apesar de haver milhões de usuários conectados em todo o mundo.

Em relação à faixa de público que se conecta ao jornalismo, Ferrari (2004) revela que são os jovens, que cresceram jogando vídeo-game e interagindo com o mundo eletrônico, os potenciais consumidores da mídia interativa. São eles que se sentem atraídos por um amplo leque de recursos que vão desde compras online, home-banking, jogos, até acesso direto às oportunidades de pesquisa e educação à distância.

Segundo pesquisa sobre o acesso à Internet citada por Pereira, Silva e Marangoni (2002), “36% procuram informação, pesquisas e notícias; 16% optam pela comunicação (incluindo e-mail); 15% procuram uma navegação aleatória; 13% em negócios/e-commerce (comércio on-line); 5% em educação (pesquisas escolares) e 4% para outros motivos.” Salientam os autores que o perfil do internauta brasileiro em relação ao jornalismo é mais apurado, ou seja, os internautas buscam maior credibilidade e acesso facilitado às informações. (PEREIRA, SILVA E MARANGONI, 2002, p. 50-51)

Entretanto não se pode esquecer, em relação ao público citado nesta obra de Ferrari (2004), que o público-alvo do jornalismo on-line é muito mais amplo.

Ele atinge outras faixas etárias mais maduras, tais como as que englobam profissionais liberais, homens de negócios que precisam se manter informados sobre o que acontece no mundo e que acessam também informações da mídia impressa, de televisão, ou de rádio.

Sob esse aspecto, a linguagem usada na produção da notícia deve ser clara, objetiva e simples, muito próxima da linguagem coloquial (uma variação da linguagem falada, que poderíamos chamar de cotidiana). A reportagem especial no jornalismo tem em média quinze linhas. As notícias de última hora que, na mídia impressa seriam denominadas de “drops”, em média quatro a cinco linhas.

Atualmente, as revistas e jornais estão adotando a reprodução integral de seus conteúdos no ambiente da rede. É, portanto, uma forma de ganhar novos leitores, ou fidelizar os assinantes, já que os acessos são exclusivos.

4 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente trabalho foi desenvolvido tendo como método de pesquisa o método dedutivo.

De acordo com Mezzaroba e Monteiro (2003, p. 65) o método dedutivo possibilita ao pesquisador caminhar do conhecido para o desconhecido com uma margem pequena de erro. Todavia, esse método é bastante limitado, uma vez que a conclusão a que se chegou não pode ultrapassar as premissas.

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foram utilizados os seguintes procedimentos de pesquisa: pesquisa bibliográfica e descritiva, constituindo-se também numa pesquisa de campo.

No dizer de Gil (1999), a pesquisa bibliográfica é um trabalho de natureza exploratória, que propicia bases teóricas ao pesquisador para auxiliar o pesquisador no exercício reflexivo e crítico sobre o tema em estudo. Em primeiro momento, serve para aguçar a curiosidade do pesquisador e despertar inquietações.

Para Gil (1991, p. 48) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados”.

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A presente pesquisa foi realizada entre os dias 05 e 20 de julho de 2013, com a participação dos jornais de circulação na região da Amarel Notisul e Diário do Sul.

4.3 TÉCNICAS E/OU INSTRUMENTO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada por meio de acesso às redes sociais dos dois jornais pesquisados, analisando-se no facebook, o número de postagens, número de curtidas e número de comentários; e no twitter, o número de retweets e de

comentários. Já no youtube a análise foi bem mais simples, devido a pouca participação dos jornais pesquisados nesta rede social.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos por meio do estudo realizado com os Jornais Notisul e Diário do Sul nos respectivos sites e nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube.

Primeiramente, tratar-se-á dos jornais citados nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube. A pesquisa foi realizada tendo como base as edições dos dois jornais entre os dias 05 e 20 de julho de 2013, bem como as publicações realizadas pelos mesmos nas redes sociais estudadas no período selecionado.

A pesquisa demonstrou que a participação dos dois jornais no Youtube é mínima, podendo-se dizer que o Notisul praticamente não utiliza essa rede social, uma vez que sua última postagem foi a oito meses atrás; por outro lado, o Diário do Sul, utiliza essa rede social um pouco mais, mas de maneira bem restrita, tendo sido observado no período selecionado para a pesquisa apenas três postagens no Youtube.

Já nas redes sociais Facebook e Twitter, a participação dos dois jornais é bem mais abrangente, e será detalhada a seguir.

O quadro que segue apresenta os dados coletados, acerca dos jornais pesquisados, na rede social Facebook. Foram coletados, entre os dias 05 e 20 de julho de 2013, o número de postagens realizadas pelos dois jornais no facebook, quantas curtidas essas postagens receberam no total e o número de comentários realizados por internautas a cada dia.

Quadro 1 - Repercussão dos Jornais Notisul e Diário do Sul no Facebook.

Data	Jornal Notisul			Jornal Diário do Sul		
	Postagens	Curtidas	Comentários	Postagens	Curtidas	Comentários
05/07	10	09	05	04	14	00
06/07	00	00	00	01	15	02
07/07	00	00	00	02	56	02
08/07	11	14	02	05	31	03
09/07	06	08	00	05	56	10
10/07	09	19	03	04	29	02
11/07	12	33	04	05	42	16
12/07	09	05	00	04	44	00
13/07	00	00	00	03	56	04
14/07	00	00	00	01	05	00
15/07	08	13	01	04	26	04
16/07	07	13	01	04	54	07
17/07	12	08	00	04	179	20
18/07	08	21	01	04	17	00
19/07	10	29	02	04	54	05
20/07	01	12	02	03	48	02
TOTAL	103	184	21	57	726	77

Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa realizada.

Os dados apresentados da tabela acima demonstram que o número de postagens realizadas pelo Jornal Notisul, em média 08 postagens por dia, desconsiderando os finais de semana em que não são feitas postagens, na rede social Facebook é bem maior que aquele realizado pelo Jornal Diário do Sul, com uma média de 4 postagens diárias, inclusive aos finais de semana. Por fim, observando o total de postagens de cada um dos jornais na tabela acima, percebe-se que o Jornal Notisul postou 103 vezes no Facebook no período pesquisado, enquanto o Jornal Diário do Sul postou apenas 57 vezes.

Passando a análise do segundo item da tabela, o número de curtidas, percebe-se que o Jornal Diário do Sul possui de longe uma maior repercussão na rede social citada, uma vez que mesmo com uma média de metade das postagens diárias em relação ao Jornal Notisul, a média de curtidas é três vezes maior que aquela apresentada pelo Notisul (média de curtidas em torno de 15 ao dia), com média de 45 curtidas ao dia.

O resultado apresentado anteriormente se repete na avaliação do próximo item da tabela, os comentários, confirmando a maior repercussão do Jornal Diário do Sul na rede social Facebook, com média de menos de 2 comentários diários para o Jornal Notisul e média de quase 5 comentários diários para o Jornal Diário do Sul.

Por fim, a análise realizada até o momento, acerca da repercussão dos dois jornais, Notisul e Diário do Sul na rede social Facebook, demonstrou que o

Jornal Diário do Sul apesar de realizar um menor número de postagens diárias, consegue obter maior repercussão, uma vez que o número de curtidas e comentários realizados pelos internautas é maior.

Terminada a análise da rede social Facebook, a seguir passar-se-á a análise da rede social Twitter, cujos dados coletados são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 2 - Repercussão dos Jornais Notisul e Diário do Sul no Twitter.

Data	Jornal Notisul		Jornal Diário do Sul	
	Postagens	Retweets	Postagens	Retweets
05/07	10	01	05	00
06/07	00	00	00	00
07/07	00	00	00	00
08/07	11	04	05	00
09/07	06	01	05	00
10/07	09	09	04	03
11/07	13	08	05	00
12/07	09	03	04	00
13/07	00	00	00	00
14/07	00	00	00	00
15/07	09	04	06	00
16/07	07	01	05	01
17/07	12	02	05	00
18/07	08	04	05	03
19/07	10	01	05	03
20/07	00	00	00	00
TOTAL	104	38	56	10

Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa realizada.

De maneira similar ao que foi observado na rede social Facebook, a média de postagens realizadas pelo Jornal Notisul (aproximadamente 8 postagens diárias) é maior que a média de postagens realizadas pelo Jornal Diário do Sul, (pouco mais de 5 postagens diárias), já que nesta rede social o Jornal não faz postagens aos fins de semana como no Facebook. A média do número de postagens realizadas pelo Jornal Notisul em relação ao Jornal Diário do Sul continua sendo maior.

Por outro lado, ao analisar o número de retweets, nome dado ao compartilhamento de postagens no Twitter, observa-se que apesar de a repercussão dos dois jornais nesta rede social ser baixa, o jornal que apresenta maior repercussão com maior número de compartilhamento no período estudado é o Jornal Notisul. Isso porque, o Jornal Notisul apresenta uma média de

aproximadamente 3 compartilhamentos por dia em que realizou postagens contra uma média de menos de um compartilhamento por dia do Jornal Diário do Sul.

Por fim, pode-se dizer que a repercussão dos dois jornais na rede social Twitter é baixa, mas que, dentre os dois jornais pesquisados, o Jornal Notisul ainda apresenta maior repercussão que o Diário do Sul, uma vez que as postagens por esse jornal realizadas nas redes sociais são compartilhadas com mais frequência que aquelas realizadas pelo Jornal Diário do Sul.

Vale destacar que as postagens realizadas por cada um dos jornais em ambas as redes sociais são bastante parecidas, quando não idênticas, e que na maioria das vezes essas postagens são reportagens que estão apresentadas na versão impressa dos jornais.

Para concluir o estudo, passar-se-á a analisar, a partir de agora, o site de cada um dos jornais.

O site do Jornal Notisul, www.notisul.com.br, é um site de muito boa estética e de fácil acesso, já que o internauta pode ter acesso a tudo aquilo que precisa com apenas um clique nos links que o mesmo oferece.

Apenas as redes sociais Facebook e Twitter estão inseridas no site do Jornal Notisul, com um link que ao ser clicado leva a página do jornal das respectivas redes sociais, não constando o link para acesso ao Youtube.

O acesso às edições impressas do Jornal é muito fácil, não sendo necessário se cadastrar para então logar e ter acesso e na versão impressa do jornal não há nenhuma indicação de que o Jornal Notisul esteja presente nas redes sociais, sendo observado apenas o site do jornal na versão impressa.

Para finalizar a análise do site do Jornal Notisul, o mesmo disponibiliza aos seus internautas: link para assinatura do jornal; acesso a revistas especiais que são publicadas sobre cidades, empresas, políticos, entre outros; acesso aos blogs de cada um dos colunistas que escrevem para o jornal; algumas reportagens; link para sugestão de novas matérias; além de acesso a áreas específicas como entrevistas realizadas; Notisul escola; opinião; segurança; últimas; saúde; cinema; e agenda de eventos.

Concluída a análise do site do Jornal Notisul, passa-se a análise do site do Jornal Diário do Sul, www.diariodosul.com.br. O acesso a informações no site do Diário do Sul é bem mais difícil e o site mais complicado.

De início, essa dificuldade se traduz, ao passo que para ter acesso às edições impressas é necessário logar, ou seja, só tem acesso às versões impressas do jornal no ambiente on line, quem é assinante do jornal, que recebe um usuário e senha para o acesso.

O site apresenta um link para levar o internauta a cada uma das três redes sociais pesquisadas, ou seja, Facebook, Twitter e Youtube. Mas, de maneira similar ao Jornal Notisul, na versão impressa não há indicação de que o jornal esteja nestas redes sociais, sendo divulgado apenas o seu site.

Por fim, o site do Jornal Diário do Sul disponibiliza: notícias; informações sobre cada um de seus colunistas; reportagens sobre diversão, educação, classimais (que são os classificados), clube DS (que oferece algumas vantagens aos assinantes do jornal), DS Interativo (que permite o envio de fotos e vídeos, sugestões de pauta, enquetes e fale conosco); edições especiais; alguns vídeos, entre outros.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa apresentou os conceitos referentes à cibercultura e ao jornalismo on line, passando em seguida à pesquisa de campo realizada junto às redes sociais Facebook, Twitter e Youtube.

Conhecendo a importância das redes sociais no mundo atual, este trabalho realizou uma pesquisa junto aos jornais Notisul e Diário do Sul, a fim de identificar a participação dos mesmos nas redes sociais Facebook, Twitter e Youtube, bem como a repercussão dos mesmos nestas redes sociais.

A pesquisa demonstrou, que a participação do Jornal Notisul na rede social Youtube é muito pequena, tendo sido o último vídeo postado a 8 meses atrás; já a participação do Jornal Diário do Sul no Youtube, apesar de ser maior que a do Jornal Notisul, é também muito pequena, tendo sido observados apenas três vídeos postados no período estabelecido para a pesquisa.

Por ser a participação destes jornais mais intensa nas redes sociais Facebook e Twitter, realizou-se uma análise mais detalhada acerca da participação dos dois jornais nestas redes sociais.

A pesquisa realizada no Facebook demonstrou, que o Jornal Notisul realiza um maior número de postagens diárias nesta rede social, praticamente três vezes o número de postagens realizadas pelo Diário do Sul. Mesmo assim, quando se analisa a repercussão que as reportagens postadas por cada um dos jornais, observa-se que o Jornal Diário do Sul, mesmo com um número bem menor de postagens consegue ter maior repercussão com um número de curtidas e comentários muito maior que o Jornal Notisul.

Já a pesquisa realizada no Twitter, demonstrou que nesta rede social, de maneira similar ao Facebook, o número de postagens realizadas pelo Jornal Notisul é bem maior que do Jornal Diário do Sul, sendo que aqui a repercussão maior é do Jornal Notisul, com maior número de retweets e comentários.

Por fim, pode-se destacar ainda que os conteúdos postados diariamente nas redes sociais Facebook e Twitter pelos jornais Notisul e Diário do Sul são reportagens constantes em suas versões impressas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A; RECUERO, R; MONTARDO, S. **Blogs**: Mapeando um objeto. In: Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia, no GT História da Mídia Digital. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/AmaralMontardoRecuero.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- BOHADANA, Estrella. **Subjetividade e cultura**: os novos signos do saber. In METHODUS. Rio de Janeiro: UNESA, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DORIA, Francisco Antônio; DORIA, Pedro. **Comunicação**: dos fundamentos à internet. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- DREIFUSS, René Armand. **Transformações**: Matrizes do Século XXI. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DREIFUSS, René Armand; BOHADANA, Estrella. Tecnobergs globais, mundialização e planetarização. In MORAES, Denis de (org.) **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FARO, J. S. Marshall. McLuhan 40 anos depois: a mídia como a lógica de dois tempos. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Julho/dezembro, 2004
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONTIJO, Silvana. **O livro de Ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- KERCKHOVE, Derrick de. **Conected intelligence**. The arrival of the society. Toronto: Smerville House Publishing, 1997.
- KRANZBERG, Melvin. **A Era da Informação**. In Informática e Sociedade. Tom Forester (Org.) Lisboa: Salamandra, 1993
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. 3. ed. São Paulo: Edit. 34, 1996.

MACHADO, Arlindo. O sujeito no ciberespaço. In: **Crítica às práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002. p. 83-97.

MESQUITA, Mário. **O quarto equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea**. Coimbra: Minervacoimbra, 2004.

MEZZAROBA, O.; MONTEIRO, C. S. **Manual de Metodologia da Pesquisa no Direito**. São Paulo: Saraiva, 2003.

MORAES, Dênis de (Org.). **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORIN, Edgard. **A religação dos saberes: O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. **A Galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIELSEN, Jakob. **Projetando Websites**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, Luciano Iuri; SILVA, Rafael Rodrigues; MARANGONI, Reinaldo. **Jornalismo**. Uma reportagem sobre a prática do jornalismo online. 2. ed. São Paulo: Rumograf Gráfica e Editora, 2002.

PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002.

QUADROS, Cláudia Irene. Uma breve visão histórica do jornalismo on-line. **XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, Salvador/BA, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias da comunicação**. São Paulo: Hacker, 2002.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. España: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ZANCHETA JÚNIOR, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal.** São Paulo: UNESP, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRIVINHO, Eugênio. **Cyberspace: crítica da nova comunicação.** São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1999.